

BRUMADINHO

70 dias depois:
Infinitas realidades
de um mesmo crime

BRUMADINHO – 70 dias depois: Infinitas realidades de um mesmo crime

Dois meses se passaram desde o dia 25 de janeiro. Há 2 meses que a vida das pessoas da região de Brumadinho (MG), estacionou no crime cometido pela mineradora Vale do Rio Doce, com o rompimento da barragem da Mina Córrego do Feijão. Dois meses depois do “auê” da imprensa tradicional e sua cobertura quantitativa. Número de mortos, desaparecidos, sobreviventes, investimentos que caíram, “dinheiros” perdidos.

De acordo com o relatório da SOS Mata Atlântica, divulgado no último dia 22 de março, o rompimento despejou quase 13 milhões de metros cúbicos de rejeitos de mineração no Rio Paraopeba, deixando o ecossistema local devastado, morto.

Foi detectada a [concentração de ferro, manganês, cromo e cobre, além do nível de turbidez da água](#) ultrapassar os limites legais estabelecidos pelo Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama).

Alzira de Fátima, moradora da região conta que nos primeiros dias após o rompimento, era possível ver pedaços de corpos humanos e muitos animais passando pelo curso do rio. Agora ela pergunta o que será dela, que cozinhou para os pescadores e ficou sem nenhuma renda. Ao mostrar o cultivo de mandioca que tem no quintal, pergunta: “Você acha que eu posso comer isso? Não tenho coragem... Está tão pertinho desse rio contaminado. Deve estar contaminado também”.

Subindo o leito do Rio Paraopeba, há muitas pessoas cujo sustento dependia do Rio. Pescadores, moradores do leito do rio que viviam da economia local gerada pela pesca ou plantavam seu próprio alimento, agora aguardam os desdobramentos.



Foto: Rodrigo Zaim R.U.A/Christian Aid

“A Vale roubou minha paz de espírito. Perdi minha cunhada e minha irmã. Minha cunhada foi encontrada, sofremos, mas conseguimos fechar esse capítulo. Mas agora eu vivo na espera, todos os dias, por notícias sobre a minha irmã. Não consigo mais fazer o que era minha maior alegria, ir caminhar no meio do mato, porque a qualquer momento penso que vão me ligar pra dizer que encontraram o corpo dela.” - Atamaio Ferreira, morador de Córrego do Feijão.

BRUMADINHO – 70 dias depois: Infinitas realidades de um mesmo crime

Por meio de um Fundo de Resposta Rápida da ACT Aliança¹, até o final de abril o Fórum Ecumênico ACT Brasil (FEACT), por meio da coordenação de KOINONIA, está atuando junto ao Movimento de Atingidos Por Barragens (MAB), com apoio psicossocial e distribuição de água e alimentos para famílias atingidas.

Além disso, o trabalho também se deu em parcerias com o Ministério Público (MPF), a seção local de Minas Gerais do escritório do Defensor Público (DPU), Igreja Católica e Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC-MG).

Débora Matte é psicóloga de formação e atuou como orientadora e monitora das equipes de atendimento psicossocial da articulação MAB/FEACT – KOINONIA.

Amante da natureza, Débora conta como a boca encheu d'água ao ver aqueles pés de goiabeira no quintal de uma das casas que foi visitar durante o trabalho do grupo do apoio psicossocial, “será que as pessoas não vão acabar comendo essa goiaba em algum momento? Tem uma horta cheia de alface no quintal, elas não vão nunca mais poder pegar uma folha pra colocar no prato?”.

O MAB acompanha, denuncia e auxilia as pessoas atingidas pelo crime em Brumadinho [desde o dia 25 de janeiro](#), por meio das equipes de voluntários que se deslocaram para toda a bacia do Rio Paraopeba e ao longo do Rio São Francisco, onde a lama e a

contaminação começam a chegar, dois meses após o rompimento.

Desde janeiro cerca de 760 famílias estão sendo acompanhadas com apoio psicossocial por meio de visitas às casas; no amparo aos moradores em necessidades emergenciais, como para manter a unidade das comunidades e auxiliar a ação dos comitês comunitários locais; apoio em assembleias para ter acesso à informações sobre desaparecidos, entre outras demandas específicas.

Na distribuição de alimentos e água potável foi possível atingir um número de 1390 famílias atendidas, somando as parcerias com as igrejas.

Considerando o que aconteceu em Mariana, é fundamental a presença de organizações sociais, dentre elas as ecumênicas, para somar e garantir que a população não fique desamparada e vulnerável aos acordos propostos pela Vale. A presença das Igrejas, do Movimento de Atingidos por Barragens, Fórum Ecumênico, entre outras, garante um equilíbrio na região e um apoio para o protagonismo das pessoas atingidas lutando por reparos e compensações.



Foto: Rodrigo Zaim R.U.A/Christian Aid

¹ - ACT Aliança é uma coalisção com sede em Genebra (Suíça), que reúne 151 organizações baseadas na fé e igrejas, trabalhando juntas em mais de 125 países.

BRUMADINHO – 70 dias depois: Infinitas realidades de um mesmo crime

Uma das conquistas foi a negociação junto às comunidades e ao Ministério Público para indenizações e medidas compensatórias pela Vale no Tribunal de Justiça de Minas Gerais.

Após decisão judicial a Vale deverá pagar:

- 1) Para as pessoas do Município de Brumadinho, mensalmente por 12 meses
 - Um salário mínimo (s.m) para cada adulto;
 - Meio salário mínimo para cada jovem ou adolescente;
 - e 1/4 de salário mínimo para cada criança.
- 2) Para pessoas ao longo do Paraopeba, que vivem em um raio de 1km, para cada lado da calha do Rio:
 - As mesmas indenizações provisórias decididas para Brumadinho: 1 s.m. por adulto, 1/2 s.m por jovem ou adolescente e 1/4 s.m. por criança, mensalmente por 12 meses.

Crimes como o que ocorreu em Brumadinho não são isolados já que a listagem de impactos e ameaças provocadas por grandes empresas em relação ao uso de bens comuns, não é pequena no Brasil e nem em outros países da América Latina. Enquanto estes países forem tratados e legitimados como quintal de empresas como a Vale, crimes como Brumadinho e Mariana, continuarão acontecendo.

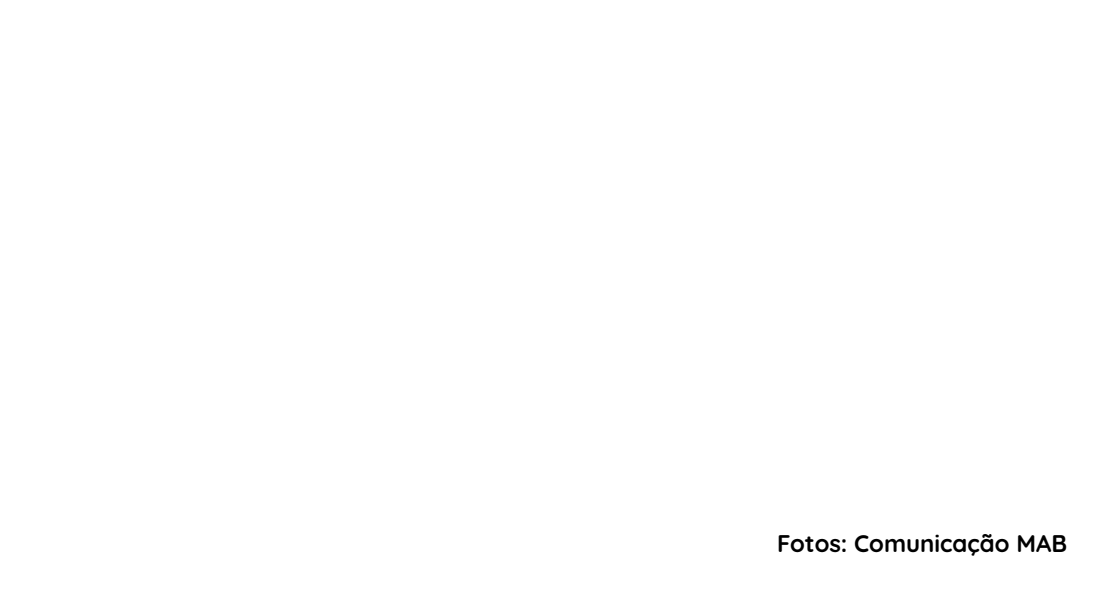


Foto: Rodrigo Zaim R.U.A/Christian Aid



Fotos: Comunicação MAB





Fotos: Comunicação MAB





Fotos: Comunicação MAB





E AS VIDAS QUE FICAM?

Débora e outros parceiros relataram que se tornou comum na região ouvir histórias de crianças desenhando corpos, sangue e helicópteros, num sinal claro da experiência vivida. A moradora Sara de Souza Silva conta sobre o trauma em seus filhos, que não conseguem mais dormir sozinhos.

“Para mim, a Vale tinha que tirar todo mundo daqui. Como as crianças vão crescer com essa lembrança? Como vai ficar a cabeça delas no meio dessa lama toda?”.

A região apresenta cenários distintos e complexos. No centro de Brumadinho, a vida tenta manter uma normalidade, e as famílias da região do Córrego do Feijão pensam em como seguir daqui para frente.

A relação com o governo local e a companhia Vale torna as coisas mais difíceis, uma vez que ambos demonstraram interesses mútuos no enfraquecimento das negociações de mitigação. A população afetada está participando de comitês (10 comitês com uma média de 100 famílias cada) formados com a ajuda da articulação do MAB/FEACT - KOINONIA desde a primeira semana após o desastre.

Foi apurado que a mineradora responsável infiltrou-se com falsas vítimas em comitês familiares, utilizou controle digital ilegal, mobilizou playgrounds móveis onde havia um trabalho da equipe psicossocial com crianças e contrataram profissionais psicossociais. Ocasionalmente um fluxo de voluntários externos muito grande, com a própria comunidade relatando desconforto com a situação.

A articulação MAB/FEACT - KOINONIA não só melhora a ação de

coordenar as listas de famílias atendidas e serviços de advocacia livre, mas também procura garantir uma contribuição mais sustentável a longo prazo, já que com a experiência adquirida em casos semelhantes, a reconstituição e garantia de direitos pode demorar anos.

Débora conta que ficaram conhecidos como “o pessoal da casinha”, pois acabou se estabelecendo um círculo de confiança com a comunidade. “A gente acaba criando um vínculo com as pessoas. As famílias queriam que a gente fosse nos velórios com elas, se sentiam seguras quando viam o pessoal com a nossa camiseta. Chamavam a gente para ir nas casas. Então eles veem a gente e já sabem que são pessoas com quem eles podem conversar”.



Foto: Rodrigo Zaim R.U.A/Christian Aid

Confira a seguir o restante da entrevista/ relato com Débora Matte:

É PRECISO OUVIR A DOR DAS PESSOAS, E NÓS ESTAMOS LÁ PARA ISSO

Escutar com empatia. Esse é o verbo mais utilizado por Débora quando conta sobre o trabalho realizado pela equipe do apoio psicossocial. Uma dor que não pode ser medida, mas pode ser ouvida.

“E quando as operações acabarem e a gente for esquecido aqui?, era uma pergunta que Débora diz ter escutado com frequência. Não só ela, mas outras pessoas da equipe.

O apoio psicossocial do MAB tá lá para ouvir e deixar que aquelas pessoas sintam aquela dor. O momento é de dor, e elas precisam sentir isso, estamos lá para sentir isso com eles. Se não isso vai virar um sintoma psíquico em algum momento depois, não tem como você abafar esse momento. Estamos lá para incentivar as pessoas à falarem de suas dores, como eles, como comunidade podem se organizar para enfrentar isso juntos? Quais são as dúvidas? Quais as demandas?

Incomoda aquele discurso que a pessoa tem que dar graças a Deus porque não morreu. Ela não morreu mas a vida dela está destruída. Perdeu prima, tio, vó, cachorro, a casa, a terra. Não é só dar “graças a deus”.

Nosso papel é dar protagonismo para o atingido. Porque normalmente são pessoas que não estão acostumadas a serem protagonistas. É o maior apoio psicossocial que podemos colaborar com eles. Tem muita entidade que quer colocar aquelas pessoas no papel de coitadinho. E esse papel não favorece a pessoa, ela precisa falar e entender o que está passando.

A CIDADE RESPIRA, ACORDA, DORME, ALMOÇA E JANTA O CRIME

O centro de operações de resgate está na cidade de Brumadinho. Então não tem pausa, os helicópteros não paravam, você tá na missa e os corpos sobrevoando você; você tá conversando com as pessoas na rua e passa outro corpo voando. Porque mesmo que estejam nos sacos, você sabe o que é. E as pessoas estão à sombra daquilo.



Foto: Rodrigo Zaim R.U.A./Christian Aid

Outra coisa frequente lá eram as sirenes. De madrugada, chovia, tocava uma sirene. E ninguém sabia o motivo da sirene, não tinha nenhum tipo de preparo para fugir caso outra coisa acontecesse, não tinha treinamento de rota de fuga, aliás, a outra mineradora vizinha, da MIB, continuou funcionando até a justiça bloquear sua operação.

Teve uma noite que eu fui conversar com um bombeiro, eu e um jornalista, porque a gente ouviu um barulho estranho. E a população ali, né. A mercê das outras barragens, da falta de informação. É isso que acho mais cruel, a falta de informação da Vale para com as pessoas.

Famílias que perderam quatro, cinco pessoas. É uma situação que não tem pausa. A vida das pessoas hoje é o rompimento. Parou no dia 25. Todo mundo conhece alguém que morreu. De dois a cinco velórios por dia. O cheiro de morte está ali, aquele cheiro de podridão.

A Vale não faz mais do que a obrigação em oferecer e fortalecer a política pública da região. Porque as pessoas vão adoecer depois disso.

VOCÊ LAVA O CABELO E O CABELO NÃO FICA LIMPO

A água que chega na casa das pessoas, ninguém sabe de onde vem. A Vale dava uma notícia, mas daí ninguém tinha confirmação de que tipo de água estava sendo distribuída. Ninguém via o tal do caminhão pipa abastecer.

Ninguém sabia se a água é boa ou ruim, então o pedido era para não beber nem cozinhar, para isso só com água mineral.

Eu me sujei em uma parte da minha pele com a lama em um dos

dias, e não saía. Eu fiquei tentando tirar a mancha por mais de 4 dias. E quem vive lá? Aquilo tá no quintal da casa delas. Inclusive tem família no Córrego do Feijão que tá morando em cima da lama. Porque não quis sair de lá, e é um direito dela. Você pega uma família inteira e coloca num hotel, e depois? O hotel é para uma situação provisória. Não é uma coisa para você ficar um mês, dois meses.



Foto: Rodrigo Zaim R.U.A/Christian Aid

AS RAÍZES DAS PESSOAS FORAM INVADIDAS PELA LAMA, É O BEM MATERIAL E IMATERIAL

Para a Vale, quem é atingido é o agricultor. Ou as pessoas que perderam um familiar ou as que perderam uma casa. Mas existem atingidos visíveis e também os invisíveis. Por ser uma comunidade de interior, as pessoas vivem muito de subsistência.

Praticamente todas as casas tem galinhas, hortas, frutas, e tudo isso fica proibido para consumo. E como que ficam essas famílias e esses alimentos que são delas e elas não podem mais consumir? Porque isso é um tipo de renda que não é possível ser comprovado.

Por exemplo, um senhor veio procurar a gente porque estava tendo problema no trabalho. O chefe estava ameaçando porque ele não estava conseguindo ir trabalhar pela falta de transporte.

Com o rompimento da barragem, a estrada¹ que ligava o Córrego do Feijão ao centro de Brumadinho ficou interdita. As pessoas estavam demorando 2 horas para chegar no centro. Ficaram isoladas. Não tinha ônibus, e nem todo mundo tem carro.

E teve uma briga na justiça para que a Vale fornecesse transporte para a população. Nós sempre dizemos para as pessoas que elas podem exigir este tipo de coisa. É um direito delas. Porque na cultura brasileira tem uma coisa que parece que as pessoas não conhecem os seus direitos. Então a pessoa fica a mercê.

¹ - Um mês após o rompimento a estrada tinha sido liberada mas logo veio uma enxurrada, impossibilitando a passage novamente. Somente na primeira semana de abril que a Avenida Alberto Flores, que liga a região do córrego ao centro foi liberada pela Vale.

Inclusive explicar pra elas que elas não precisam de um advogado, elas podem contar com a defensoria pública. Elas podem fazer uma comissão, recorrer coletivamente, porque o coletivo tem mais força que o individual. E isso acaba protegendo.



Foto: Rodrigo Zaim R.U.A/Christian Aid

Fotos: Comunicação MAB





Fotos: Comunicação MAB





Fotos:

Equipe MAB e Christian Aid Brasil

Reportagem:

Natália Blanco (KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço) **com a colaboração de** Sheila Tanaka (Christian Aid Brasil)

para FEACT Brasil/ ACT Aliança

FEBrasil
ecumenismo e direitos
actaliança

actaliança